<u>O Processo da Formação da Identidade Judaica e Anti-semitismo</u>
<u>Coordenador: Saul Fuks</u>

Identidade Judaica, Diversidade e Unidade
Dr. Bernardo Sorj
14.10.2004

O tema de hoje é a identidade judaica, diversidade e unidade. Eu acho que o mais honesto é começar pondo as cartas na mesa. Pode-se apresentar o tema de várias formas. Uma é definir o que é identidade judaica, baixar uma linha e procurar justificar a escolha certa. Outra possibilidade é fazer uma análise da identidade judaica em diferentes pensadores, o que seria mais erudito e chato, e vocês não merecem isso a esta hora da noite.

Vou começar em forma um pouco diferente, com meu *ani maamín* (eu acredito*)*, que mais que princípios metafísicos, são sentimentos-pensamentos. Acredito que seja a forma mais honesta de apresentar um argumento num campo minado de valores.

O drama do judeu moderno é que não há nenhuma autoridade externa a quem a gente pode delegar decisão do que é ser judeu, ou seja, a identidade judia tem como fundamento um sentimento pessoal, emocional e intelectual, do que é ser judeu. Existe alguma definição de ser judeu que seja melhor que outra, superior ou inferior, capas de se impor e excluir a outra? A resposta é simples: não. Esse que é o drama do judaísmo moderno no século XXI. Pois no século XX as várias correntes do judaísmo, incluindo o sionismo, se viviam como excludentes.

Eu tive uma infância judia ortodoxa, e me lembro que o judeu que fumava no *shabat* era chamado na minha sinagoga, em forma depreciativa, de *goy*. Como ser judeu era falar idiche, o *safaradi* era um ente confuso, pois era um Yd que não falava idishe. Nunca entendi muito bem o que eram os turcos, com nos chamávamos os sefaradim, quando era criança.

Alguém poderá indicar o Holocausto como experiência decisiva do judaísmo contemporâneo. Pois bem, para muitos daqueles que hoje se definem judeus o Holocausto é a experiência central do seu judaísmo. Mas para outros que não tiveram em sua biografia pessoal a experiência do Holocausto, esta experiência ocupa um lugar secundário, como é o caso da maioria dos judeus do mundo árabe. E mesmo sobre o Holocausto devemos ter nossas precauções: Eu estive em um debate, acho que foi no Hashomer Hatzair há uns dois anos atrás,

onde jovens muito impetuosos falaram que Hitler já havia definido o que era judaísmo. Pelo amor de Deus! Ele é quem vai definir o que é o meu judaísmo? Aceitar que é Hitler quem vai definir quem é judeu ou não é? Se nós, vítimas, entrarmos na cabeça do carrasco e passarmos a assumir a sua lógica, estaríamos desacralizando a memória de todas as vitimas do nazismo, inclusive dos judeus que decidiram abandonar o judaísmo, se convertendo ou não a outra religiões. Pois eles não morreram como judeus, eles morreram como seres humanos que escolheram não ser judeus e foram vitima de um sistema racista totalitário. Pois não é por medo a um Hitler que as pessoas devem de fazer suas opções de identidade e crença. Pobre judaísmo este, que se subordina a experiência hitlerista.

Eu, na minha vida, já fui judeu ortodoxo, sionista socialista, de esquerda, afastei-me da comunidade, voltei, e nas minhas formas inúmeras vi até hoje o meu judaísmo em plena mutação. Dificilmente alguém foi o mesmo judeu a vida toda, porque ninguém é a mesma pessoa a vida toda. Nesta discussão que tive com os jovens do Shomer eles disseram: - Veja bem, mesmo aqueles judeus que se definiram como cristãos foram mortos por Hitler como judeus. Por Hitler sim, mas eles morreram como cristãos. Seria uma falta de respeito à memória de uma pessoa que queria ser cristã, dizer que ela morreu como judeu. Se alguém era cristão e acreditava sinceramente no cristianismo e foi morto por ser judeu, isto foi uma barbaridade, um crime enorme contra a humanidade e não contra o judaísmo. E nem por isso eu vou ser judeu, pois um dia posso ser morto como judeu caso acredite em Cristo, em Buda, ou seja, qual for. É meu direito humano fazer a escolha que eu quiser e se Hitler ou quem for o maluco me matar, porque vai dizer que eu sou judeu, eu não tenho obrigação de me identificar com a mente do criminoso.

É importante a gente fazer um trabalho psicológico e emocional sobre nós mesmos, o que acho que não fizemos ainda, para elaborar e superar os traumas do Holocausto, o que, obviamente, não significa esquecer mas sim resignificar o passados produzindo novas narrativas. Minhas geração, ainda que tenha nascido após o Holocausto imediatamente, ainda não se livro de uma lógica profundamente perversa, de nós pensarmos através do carrasco, transformando o ser judeu em destino e não em escolha. Assim, por exemplo, se alguém foi morto por ter antepassados judeus isso no os transforma em judeus, mas sim em vitima de um criminoso , pois a pessoa que nascendo judia ou de antepassados judeus que escolheu não ser judeu tem todo o direito do mundo. E não vamos assustá-la dizendo: - 'Olha, vai aparecer um Hitler. Se aparecer um Hitler você vai ser obrigado a ser judeu novamente contra.'

Então, onde está a essência do judaísmo? Volto a dizer que meu princípio primeiro é que não existe tal essência fora de cada um de nos: n*ós dependemos da nossa consciência moral e individual para definir o que pode ser nosso judaísmo e lutar eventualmente para influenciar outras pessoas. Nunca impor autoritariamente.*

Assim judeus são aqueles que se sentem judeus ou que se definem como judeus por uma razão que eles acham certa, seja por experiências, pelo Holocausto, pelos pais judeus, por acreditar em Deus, seja o que for. Qualquer argumento é valido para alguém se definir como judeu, e ninguém tem o direito moral para negar o judaísmo do outro e dizer: - Você fumou no *shabat*, então você não é judeu. Ou: Você tem uma visão do mundo em nome do judaísmo que para mim não é judaica

Obviamente, isto muitas vezes é duro e pesado demais; precisamos por vezes de um rabino Lubavitsh para que nos dê a ilusão que temos uma garantia de algo visualmente sólido, de uma imagem do que é ser judeu. E, embora este tipo de representação nos aproxime do paganismo, no mundo contemporâneo, a imagem é fundamental. Pode até ajudar a viver, mas não substitui a necessidade de fazer escolhas individuais.

Se nós acreditamos nisso, temos que aceitar que o judaísmo moderno não tem fundamentos além dos que cada um de nos acredita individualmente, não tem essência, ou se preferirem essência é a mesma que a da cebola, cada camada é parte da essência, nada alem delas. Não há um núcleo que está além do que em cada momento cada um pensa, sente e age.

Isto produz uma profunda insegurança. Por quê? Porque um judaísmo sem autoridade última, é difícil de suportar, inclusive porque o judaísmo tem uma característica sociológica: ele sempre foi profundamente gregário. Mesmo o judeu mais individualista, mais intelectual que possa existir sua relação com o judaísmo está sempre referida, a favor ou contra, a sua experiência comunitária.

O que mantém as comunidades são as instituições. Estas precisam de regras de jogo, precisam de autoridades, de algum tipo de mecanismos que as estruture. O judaísmo, já não como lógica individual, mas como lógica coletiva, tem componentes culturais, sociais e políticos onde há uma lógica que vai além do indivíduo. Aí é que está h a tensão na qual nos encontramos. Dentro da lógica da modernidade domina a lógica do indivíduo. Cada um é judeu da forma que ele define ser num determinado momento. Na comunidade são necessárias regras e códigos

organizadores. Os s grupos pedem regras. Isto é legítimo. É legítimo que a ARI se defina como ligada a um judaísmo reformista. É legitimo que a CJB se identifique com o judaísmo conservador. Que os lubavitsh se identifiquem com o lubavitsher rebe, isso é válido. Que cada um no interior de sua comunidade tenha regras para identificar o que é ser judeu. O que é errado é que um lubavitsh diga que para ser judeu é preciso se converter de acordo com a ortodoxia. É direito deles fazerem isto dentro da comunidade do lubavitsh. É direito da ARI definir-se pela visão reformista, dizer que judeu é alguém que tanto tenha mãe judia ou pai, como já se decidiu há vinte anos atrás, agregando a algumas condicionantes: se for menino que faça circuncisão, bar-mitsvah, etc.

O que não é justo é pensar que esta forma de definir seja a única possível, e se feche o direito a outras formas possíveis de ser judeu, ou seja, o judaísmo moderno tem que se congregar porque é da natureza da vida social procurar as congregações. Mas não pode negar nunca o pluralismo profundo da existência judia, ou seja, se a ARI quer ter seus critérios para definir quem participa do “clube do bolinha” da ARI, que tenha. O judaísmo é algo que vai além da ARI, do Lubavitsh, da CJB. Ou seja, o corolário de aceitar que a base do judaísmo é o indivíduo, que moralmente define uma identidade em um certo momento a partir de suas crenças, e ninguém pode tirar isso dele, tem como conseqüência aceitar também que esses vários judeus se reúnam, criem congregações, comunidades, escolas, e que cada uma delas tente avançar a sua visão de judaísmo. O que não se pode aceitar, porque isso é autoritário, é que uma dessas correntes diga ao outro o que é ser judeu ou não. O fundamental é manter uma visão pluralista do judaísmo. E acho que faria muito bem que a escola judaica que transmita esse pluralismo, porque se não estamos empobrecendo o judaísmo.

Pouco tempo atrás numa conferencia alguém me disse: - Tudo bem, mas este judaísmo que estás propondo eventualmente vai desaparecer em 50 ou 100 anos, no máximo. Quem vai permanecer judeu são os lubavitsh, a turma fechada. Eles sabem ser judeus apesar de serem chatos, mas sabem. Nós, com a nossa liberdade de consciência, com a nossa liberdade, possivelmente vamos desaparecer. E deu exemplos de outros momentos s históricos, como no período helênico, envolvendo um movimento judeu que se entregou ao helenismo e desapareceu.

Eu só argumentar, com o Pedro Nava, que experiência é um carro com os faróis iluminando para trás, não iluminam para frente. Na história as coisas não se repetem. Se a

história vai trazer pela frente mais anti-semitismo, mais integração, se a China vai dominar o mundo em trinta anos ou não, eu não sei.. Muitos falam que temos que fazer coisas para o futuro, mas temos mesmo que fazer é para o presente. Temos que construir o futuro a partir de nossas crenças, porque se construirmos um futuro a partir de um passado que já não existe mais para ninguém, não estaremos transmitindo as próximas gerações nossas verdades, mas medos.

Acredito que por trás deste tipo de argumento existe a procura de certezas. Mas não é possível ter certezas sobre os rumos da historia. Quem há vinte anos atrás diria que não existiria mais comunismo hoje? Quem imaginava isto, comunista ou anti-comunista. A mim surpreende como o jovem fala em 'Rússia'. Eu ainda falo em União Soviética, não por algum amor em particular, mas pela força de tanto pensar e de ler. Centenas de livros para entender um país que não existe mais. E quanto já se leu sobre o planejamento central, sobre a sociedade soviética?

Eu acho que os seres morais, éticos e modernos têm que saber em que estão apostando, naquilo que eles acreditam por convicção e não por medo ou ignorância. . Eu particularmente aposto no judaísmo que tenha como fundamento valores que para mim são centrais: o direito a pensar, o direito a ter liberdade de decidir, o direito a não delegar a ninguém as minhas respostas e as minhas crenças. Se o futuro do judaísmo se sustenta num judaísmo que basicamente desumaniza o outro, que separa o judeu e o não judeu de forma que há uma negação da humanidade do não judeu, que coloca o goi numa posição que nos desumaniza e que nega sua humanidade, neste judaísmo eu não aposto e nem me interessa a sua sobrevivência enquanto tal.

Se o judaísmo para existir tem que ser aquele que desumaniza o outro, que diz que não é permitido transgredir o shabat para salvar uma pessoa se ela é goy, como muitos judeus ortodoxos ainda acreditam, esse judaísmo não me interessa. Não me interessa a sua sobrevivência enquanto tal. Não é meu o problema. Um judeu que pensa assim não pode ser humanista. E se há um judaísmo que diz que isto não é possível e o único judaísmo possível é o que desumaniza o outro, eu estou fora. Prefiro apostar em algo que pode ate ser perigoso para o futuro do judaísmo. Há riscos em uma opção judaica humanista? Sim, há. Mas há também riscos em outras opções, ainda que transmitam a sensação de certeza .Nosso direito fundamental é de lutar por aquele judaísmo que nos humaniza, que nos faz melhores seres humanos. Inclusive porque aí é fundamental a minha experiência judaica, e ela me diz que desumanizar o outro destrói nossa comum humanidade.

Em Israel que é feita anualmente sobre a relação de preconceito anti-árabe e religiosidade, que indica disse que quanto mais ortodoxa a pessoa seja, mais anti-árabe ela é. A relação não é mecânico, mas o preconceito entre os ortodoxos chega a ser 95% do total. Ela vai decaindo na medida em que o judeu é mais secular.

O judaísmo humanista está no campo das verdades relativas. E por isso é fundamental tolerar e respeitar o outro mesmo quando ele fala coisas chatas, pois de repente algo de interessante ele está dizendo.

É possível construir um judaísmo humanista. Um judaísmo humanista secular está em uma crise geral e irrestrita. Foi o fundamento do judaísmo do século XX. De Marx a Freud, de Einstein a Ben Gurion , todos eles eram judeus humanistas seculares. Recentemente Yael Dayan disse que na casa de se pai Mosheh, nunca festejou uma festa judaica, nunca houve Pessah, Yom Kipur, Rosh Hashanah. Então alguém vai argumente r que Mosheh Dayan não era judeu?

O judaísmo do século XX basicamente não tem nada a ver com a religião ortodoxa. Ele foi feito por judeus humanistas seculares.

O que aconteceu?

Os fundamentos que mantinham estes judeus humanistas seculares dentro de uma visão de futuro, dentro de valores que permitiam criar um campo comum a estes judeus, afundaram no final do século XX. Afundaram, e o único movimento que deu relativamente certo foi o sionismo. Ele criou o Estado de Israel. Outro grande movimento foi o Bund, e tanto ele como o núcleo mais forte do sionismo, eram socialistas. O que sustentava tanto o sionismo quanto o socialismo era uma noção de que nosso sentido de vida era dado pela historia e que a historia tinha um sentido. .

Hoje os judeus humanistas seculares vivem a crise da perda de sentido da historia. A historia não acabou mas não vemos nela um sentido para nossas vidas. As grandes visões ideológicas afundaram, as grandes visões públicas afundaram e ficamos nós com a nossa individualidade. Consumindo ou não consumindo, fazendo isto ou aquilo, mas basicamente como baratas tontas perdidas em uma maré de Internet e de mundos virtuais que costuram algo novo, mas tem pouca relação com o que nos vivemos.

O judaísmo humanista secular é profundamente histórico, está associado a utopias da história. Essas utopias fizeram água. Então nos falta o cimento que junte a maioria do povo judeu. 80% dos judeus de Israel se definem como seculares, nos Estados Unidos se a gente junta as pessoas que são definidas como seculares e os judeus liberais, chegamos a 70%. Judeus ortodoxos nos Estados Unidos são os 8% (que se definem como tais pois vão a sinagogas ortodoxas, mas os realmente praticamente são ainda menos). Na América Latina a maioria dos judeus é secular. A grande maioria do povo judeu é um judeu individualizado, que não se nega enquanto tal, mas não sabe como ser judeu coletivamente.

O judaísmo humanista secular entrou em uma crise na passagem do coletivo para o individuo. E cada geração tende a perder densidade de experiência judaica, pelo menos de experiência judaica associada a uma minoria perseguida. Ainda em Freud, quando lemos as obras dele, nas suas primeiras interpretações dos sonhos, fala do pai cruzando a rua porque tinha medo de uma pessoa que talvez fosse anti-semita. Ele estava embebido de judaísmo na própria experiência cotidiana.

Hoje os judeus seculares somos uma maioria silenciosa formada por indivíduos isolados que se sentem judeus mas não sabem o que fazer com esse judaísmo. Esta crise é uma crise do judaísmo humanista secular tanto em Israel como na Golah, só que os problemas são um pouco diferentes do ponto de vista sociológico e político. Em Israel o problema é definir quem é judeu do ponto de vista do estado. É um problema político de um país relativamente rico ao qual chegam trabalhadores temporários e tem o problema das demandas palestina. A dinâmica global de imigração e de judeus (e não judeus) indo para Israel é similar. Os judeus russos vão para Israel quando não podem ir diretamente para os Estados Unidos ou Alemanha. E agora estão voltando para a Rússia porque voltaram a ter oportunidades. A migração ideológica para Israel sempre foi minoritária, e quando feita em grande escala sempre teve componente social

Então, Israel tem um problema. Primeiro, porque um país que está organizado politicamente tem que baixar uma linha para definir quem é judeu do ponto de vista dos interesses do estado nacional. O problema de Israel não é o mesmo que o da diáspora. Israel, como qualquer outro estado nacional, tem necessidade de critérios de exclusão, de barreiras de entrada que não são os mesmos da diáspora. Acredito que nos não temos nenhuma necessidade

de nos fechas, de excluir, que devemos abrir o judaísmo para a maior diversidade possível. Conviver com isso não é fácil, pois nos acostumamos a ser o "Clube do Bolinha".

A diversidade do judaísmo hoje inclui tensões entre as diferentes diásporas e em particular entre as diásporas e Israel, apesar de que a guerra comum com os árabe leve a criar uma identidade quase imediata pelo medo de fazer o jogo do inimigo. Mas os governos de Israel muitas vezes não respeitam a soberania que cada comunidade diaspórica deve ter. É correto dizer que hoje os judeus franceses estão em perigo, como Sharon declarou em 2004? Se há algum lugar no mundo onde os judeus estão em perigo é em Israel, falando simples e objetivamente, sem entrar no mérito moral ou histórico da questão. Não estou dizendo que não haja perigo, mas a França, a pesar do efetivo crescimento do anti-semitismo, em particular da população de origem muçulmana, é um país profundamente democrático Que há problemas de anti-semitismo, sem duvida, e deve ser combatido, mas também não temos o direito de sermos histéricos e irresponsáveis e quase ficarmos contentes porque está havendo outra vez anti-semitismo em algum lugar do mundo

Tudo isto coloca um problema de como se posicionar frente a Israel nos dias de hoje. Frente a toda a solidariedade enorme, e sem duvida também, que são inclusive perigosas para Israel em particular e para o mundo árabe também. Temos que aprender a ter posições equilibradas, sermos humanistas sem ser tontos, conscientes inclusive das tendências profundamente antidemocráticas que hoje cruzam o mundo árabe. Como ter uma visão que respeite a nossa humanidade judia e nossa judia humanidade, que mantenha nossa lealdade com o destino do Estado de Israel mas não em forma cega. Lutar contra a ocupação, o maior erro histórico das lideranças de Israel (de todos os partidos a partir de 1967) e por um estado que seja judeu pela sua cultura e não pelo controle teocrático das instituições civis pelos rabinos. Devemos lembrar que Teodor Herzl escreveu 'Der Judenstaadt', que não é 'O Estado Judeu', como foi geralmente traduzido mas sim 'O Estado dos Judeus'. tem um outro livro um pouco menos conhecido que eh 'Alteneuland', 'Velha e Nova Pátria', onde a história central do livro é um romance entre um rapaz judeu e uma mulher árabe. A gente esquece, mas ele já previa que é natural que um país onde tem pessoas diferentes convivendo, elas se namoram, casam-se e isto seja parte da vida, normal e natural em um Estado democrático.

Qual é então o desafio para o judeu humanista secular?

É recriar um judaísmo que vai além do individuo. O drama hoje é este na maior parte do mundo, inclusive em Israel, que não consegue dizer para os seus filhos o que é o judaísmo humanista secular. Posso dizer a meu filho qual o meu judaísmo, e é possível que seja isto hoje o judaísmo humanista secular, ou seja, a capacidade maior ou menor de cada um de nós de dizermos aos nossos filhos que o judaísmo não tem garantias. É um patrimônio pessoal, um legado mas não um testamento impondo como usar estes recursos.

Nós temos um grande legado, a Torah, o Talmud, experiências históricas comuns, mas so podemos indicar não impor. Nossos filhos sempre poderão dizer (e posteriormente mudar de opinião): "Olha, isto é herança, achei alguns dados muito interessantes. Obrigado, mas deixo para você papai. Isto eu não levo, mas sim o carro e o apartamento, o resto não me interessa". É um direito do filho dizer isto. Não nos agrada, mas eles têm o direito. Não temos como impor a eles um testamento do que seja judaísmo. É importante lembrar isto, pois cada vez que queremos impor um testamento, estamos fazendo um ato autoritário, que possivelmente vai dar errado, porque ninguém no mundo moderno, que quer ser um individuo a partir de si mesmo, aceita que lhe seja imposta alguma verdade. O que podemos simplesmente é narrar nossas verdades.

Uma das coisas mais chatas de nós judeus humanistas seculares é que somos chatos. Um filantropo humanista secular está criando uma grande biblioteca com as 500 obras mais importantes do judaísmo e financiando cursos em universidades para que se leiam todas as obras dos judeus humanistas seculares. Sem duvida um esforço de grande valor intrínseco, mas nada a ver com movimento social, com comunidade, com sentido de vida. Alguns indivíduos farão leitura interessantes e poderá dar para alguém um mestrado ou doutorado, uma carreira acadêmica válida, mas não dá sentido para a vida de ninguém. Precisamos de coisas que falem às nossas emoções, aos nossos sentimentos e ao nosso fazer. O que podemos fazer? Eu não tenho clareza sobre isto.

Ontem participei de uma reunião em São Paulo com um grupo de judeus humanistas seculares que estão discutindo o que fazer. E foi uma reunião muito interessante, pois perguntei a eles a que se dedicavam, e responderam-me que antes era fazer música e agora querem montar uma peça de teatro, sempre com motivos judaicos. É neste sentido, de fazer, que devemos avançar. Eu espero que de alguma forma surjam grupos com disposição e uma vontade de tentar

formular criações e propostas que se transformem em coisas mais coletivas. Que não vai ser possivelmente um partido político de antigamente, nem uma *tnuat noar* (movimento juvenil) de antigamente, mas novas formas de *com-viver,* talvez incluindo comunidades de Internet.

Eu não sei muito bem o que é, mas nós não temos uma resposta, e o que é claro eh que nós também não estamos recebendo ainda nada claramente, em inputs claros, de nenhum lugar do mundo. Nos Estados Unidos se criou um movimento que eu acho que não vai "colar" fora de lá, um judaísmo humanista secular que tem sinagogas sem rabinos. Parece curioso. A primeira vez que vi isto falei que não era possível, mas para americano é pragmático. A gente aprende isto com os ianques, eles sabem fazer as coisas, eles não se preocupam com argumentos mas com eficácia. E possivelmente estão certos inclusive em termos sociológicos. A sinagoga nunca foi um templo, mas *bet hakneset*, em hebraico, um lugar de reunião ou lugar de assembléia, então por que não pode haver uma sinagoga de judeus humanistas? Aí temos o problema do rabino. Mas novamente rabino no judaísmo não possui nenhum status teológico, ele funcionava como juiz e como orientador espiritual, mas sem nenhum mandato divino. Porque então não temos rabinos, líderes espirituais que não acreditam em Deus, mas que possuem bons conhecimentos sobre o judaísmo e que podem ajudar a fazer uma cerimônia bar-mitsvah um pouco diferente, e assim por diante?

Então eles criaram um movimento judeu humanista secular de sinagoga sem rabino, criaram uma yeshivah para formar rabinos humanistas seculares. Já formou vários rabinos, acho que a maioria mulheres Essa é uma possibilidade, mas não sei se vai avançar fora dos Estados Unidos.

Outras possibilidades estão começando a surgir em Israel, onde inclusive esta sendo discutido a possibilidade de instituições do estado definir que é judeu, fora do âmbito religioso. Os israelenses têm uma sorte enorme, pois possuem os ortodoxos para lutar contra, pois os seculares se definem contra os ortodoxos. Na diáspora não temos as mesmas guerras culturais.

Temos que reformular o judaísmo secular. O caminho não é claro, mas acredito que o ponto de partida é ao menos esclarecer para nós mesmos aonde nos encontramos. Eu acredito que no fundo da alma nossos filhos querem ouvir isto. É algo que vai fortalecer a dimensão a judaica neles e vai ajudar que no futuro eles construam seu judaísmo. Isto será o problema deles, pois não somos onipotentes. No melhor dos casos podemos indicar o ponto de partida, que será

distante do da próxima chegada, distante da minha geração. Estamos demais viciados no passado para criar um novo judaísmo.

Obrigado.

Está aberto o debate

Pergunta: Você teve a capacidade de colocar muitos problemas de difícil solução, mas o velho Kant dizia que a possibilidade de resolver problemas está na boa colocação e na boa formulação das perguntas. Quer dizer, colocar assim como você fez, boas perguntas, gera o início da busca de um caminho e de uma solução. Há pouco eu estava relendo um livro onde ele escreve teoricamente o que foi falado aqui sobre o futuro. Diz claramente a idéia de que é impossível prever o futuro, a não ser depois dele acontecer. Enquanto ele não aconteceu, ainda está no terreno da indeterminação e da possibilidade. Lá tem páginas inteiras onde teoricamente ele formula esta idéia que você levantou aí. Só depois que aconteceu é que se pode saber a força daquilo que tinha condição de existir, porque muita gente acha o contrário, que está tudo pré-determinado, que é possível hoje você fazer previsões. Das que foram feitas neste século, grandes parte delas não se realizou. O ponto que eu gostaria de levantar e debater, porque você tem um livro muito interessante sobre a globalização, é que o mundo atual cria mais um complicador neste problema da identidade judaica e da identidade real. É que nós temos três forças atuando no mundo globalizado: a força dos países hegemônicos que dominam os mercados, os meios de comunicação; e as culturas locais que lutam para sobreviver e entram neste combate, incluindo os judeus em de uma identidade judaica.

Resposta: O povo judeu é um povo de diáspora, historicamente nós somos um povo diaspórico. Nossa identidade na verdade é diaspórica.

Acontece que nas últimas décadas as diásporas passaram a se multiplicar. É so colocar na Internet a palavra “diáspora”. Da diáspora grega, uma das maiores do mundo, a chinesa, a tailandesa, a romana, a ucraniana, a filipina, a italiana, a brasileira, a uruguaia, a equatoriana e outras, só tem diásporas. Eles se auto definem como diáspora, criam organizações diaspóricas

muito fortes. Uma das mais fortes é a palestina, ou a dos curdos, que apóiam a luta da terra-natal, os armênios, são todas diásporas.

E enquanto o mundo se diasporiza o judaísmo se desdiasporiza, ao menos nas últimas décadas. 82% do povo judeu não está em diáspora. 40%, cinco milhões, estão em Israel, e outros 40% estão nos Estados Unidos, que não se auto define como diáspora. Diáspora é um sentimento de algo temporário, que a qualquer momento pode acabar. Assim enquanto o mundo se diasporiza o povo judeu, paradoxalmente, se des-diasporizou. Nosso povo sobreviveu historicamente porque era diaspórico, pois um povo que tinha na terra de Israel 20.000 km quadrados, no meio de uma *parashat-drachim*, de uma encruzilhada de caminhos entre vários continentes, não sobreviveriam, se não estivesse na diáspora. Estamos na diáspora desde sempre. Os dois maiores líderes do povo judeu, da história judaica, são Abrahão *Avinu*, nosso pai Abraão, que nasceu longe de Israel, e outro, o Mosheh *Rabenu*, que nasceu no Egito. Os maiores sábios judeus, a grande maioria deles nasceu na diáspora.

É um povo que viveu, se alimentou e sobreviveu graças ao fato de ser diaspórico.

Este é um problema que eu gostaria de enfatizar, porque eu acho que a riqueza do judaísmo hoje passa pela diáspora, e ela está desaparecendo. A segunda coisa é: a que' vai levar a globalização? Para ser sincero, eu acho muito difícil prever. Não há dúvida, e eu concordo, que está levando ao renascimento de etnicidade. Mas que renascimento é este? Vai levar a guerra das civilizações de Huntington, ou vai ser so que porque eu gosto de comer Guefilte-fish sou judeu.

Isso tudo vai depender da dinâmica política global, que hoje está muito confusa. O mundo vai ser capaz de absorver a democratização ao nível das relações sociais, não somente econômicas e tecnológicas, como culturais? Ou vamos para um fechamento político contra os bárbaros da terra? A Europa se fechando frente à África, e já está criando campos de contensão em todo o norte da África; a América Latina vai se integrar de forma bem sucedida com os Estados Unidos? O que vai acontecer com o mundo muçulmano? O que vai acontecer daqui a vinte anos, supondo que a China passe a ser a maior potência do mundo?

É muito difícil. A gente sabe que hoje está havendo tudo isto que você diz, ou seja, a globalização não diminuiu a etnicidade, e de certa forma a valoriza. Mas aí você abre um leque da valorização do que Freud chamava de narcisismo das pequenas diferenças, mas todo o resto é

igual ou algo que pode criar novos movimentos que vão mexer com as bases da civilização como a conhecemos.

Pergunta: Eu confesso que fiquei tonto com tudo aquilo que você falou, então eu vou fazer algumas indagações que escrevi aqui, tontas também, sem uma seqüência, sem uma forma exata de perguntar. Conforme você falava; uma coisa é que ninguém é a mesma pessoa a vida toda, não é só o judeu, não é só você. Ninguém neste mundo é a mesma pessoa a vida toda.Depois eu escrevi: Um crente de Jesus pode ser identificado por ele próprio como judeu? Isso porque o judeu é uma abertura, pode ser tudo.A outra: Os cristãos também têm inúmeras formas de se identificar como tal. Não são somente os judeus, os cristãos também, e outros, os muçulmanos, sei lá, e outras religiões também. Com respeito ao que aconteceu com a URSS, eu gostaria de dizer que ela foi um fenômeno de 80 anos, e o judaísmo tem mais de 2000 anos.Outra coisa que eu escrevi: só os judeus desumanizam? Os cristãos não? Os muçulmanos não?O que nos faz judeus é a lembrança dos costumes de nossos pais e avós. E quando isto não mais houver? Quando nós não formos exatamente judeus como temos sido até agora, coisas de sinagoga, de Abraão, de Jacob, ... Eu quero tornar claro que não endosso nada disto.

Resposta de um ouvinte: A referência de um judeu é a ortodoxia, ainda que você se diga contrario a ela, mas é uma referência.

Continuação do primeiro ouvinte: Para se transmitir um legado judaico conforme você falou, é necessário saber o que é judaísmo, se não vamos transmitir o que? E finalmente é um drama, porque para o cristão é impor o cristianismo a seu filho, assim como também é um drama um judeu impor a seu filho o judaísmo. Quer dizer, ficou meio enrolado, mas como eu estou enrolado mesmo porque foi muita coisa, eu peço que vocês me perdoem.

Resposta: Primeiro eu não tenho nada para te perdoar, pois você não fez nada errado e vou tentar dar algumas respostas rápidas, porque senão seria uma outra conferencia. Primeiro é que eu nunca falei que os judeus desumanizam, mas falei que há um certo tipo de judaísmo, como há um certo tipo de cristianismo, de islamismo que desumanizam. Eu nunca falaria inclusive porque sou judeu e procuro não desumanizar ninguém. Pelo menos luto contra isso. Se você pergunta "alguém que se diz crente em Cristo pode ser judeu?" Eu acho que sim. Imagina esta situação: Você esta a dormindo quando lhe apareceu Cristo no sonho. Você acorda e passa a ter a sensação que Cristo é fundamental para você. Você deixou de ser judeu por causa disso?

Quem é que vai decidir que você abandonou o judaísmo? Eu venho de uma tradição em que o cristianismo está ligado a perseguições, a sofrimentos, e nos custa muito, aos judeus, aceitar a mistura com o cristianismo (como tem naquele filme do Woody Allen, onde ele começa a procurar outra religião e a mãe diz que ele pode ser budista, qualquer uma, menos cristão). Isso não. Budista tudo bem, judeu e budista, é moda agora, mas cristão não. Isso porque tem a ver com uma certa experiência histórica que é respeitável, que os meus pais teriam, porque cristianismo era perseguição, era ódio na experiência deles. Pessoas foram mortas, perseguidas, maltratadas no cristianismo. Isto não tem nada a ver com alguém que viu uma luz em Cristo. Agora o que você pode dizer é o seguinte, as instituições tem direito a ter suas regras: na ARI ele não entra mais, porque na ARI pessoas que acreditam em Cristo não têm lugar. A ARI tem direito a isto. Um grupo tem condições de decidir quais são as regras do jogo. Na ARI ele não entra, porque ele fala de Cristo e aqui a gente não quer pessoas que falem de Cristo. Isso eu acho que é possível e eu respeito. O grupo define se ele é do Flamengo ou não, agora jogar futebol ele vai continuar jogando. Não no flamengo.

A última coisa é o legado judaico.

Veja bem, você diz duas coisas: o judeu ortodoxo é a referência. Não é! Durante o século XX não foi. Ben Gurion, Mosheh Dayan, Golda Meir, Sigmund Freud, Albert Einstein se lixavam para o judaísmo ortodoxo.. Cada um recria a sua versão do judaísmo, não há este legado único que você tem que conhecer. Neste legado você define o que você quer se apropriar. Na minha juventude ninguém estava interessado e se lixava totalmente para o Talmud e para tudo que era produto da diáspora. Só interessava a história da época de Israel. A diáspora, inclusive, a gente depreciava, inclusive não podíamos falar idiche, porque aquilo era o atraso. . Hoje para mim a cultura idiche voltou a me interessar. Inclusive o Talmud. Então não há um legado que tem que ser reconhecido *a priori* e para sempre.

Pergunta: A idéia de um Deus que vai como ente na tradição judaica, que está acima de um juiz, com poderes exteriores a nós, esta idéia que tem várias versões, mas sempre idéia de um Elohikm, que está fora do mundo, que o criou, que é o juiz último do mundo e que está ligado à história do povo judeu. O judaísmo liberal é basicamente o judaísmo ético que rompe totalmente com a tradição desta visão de um Deus exterior, criador e juiz do mundo, a idéia de um outro

mundo, do inferno e do paraíso, até mesmo de um Messias na visão tradicional judaica. Rompe com tudo isto.

Resposta: Devo dizer uma coisa, que judaísmo secular humanista não tem nada a ver com Deus. Alguém pode acreditar em Deus, isso é um problema de foro íntimo. Acho que foi um erro de minha geração acreditar que o judaísmo humanista passava pelo ateísmo, isto foi um erro ligado a um momento histórico. Não tem nada a ver. Você pode ser um judeu humanista secular e crente em Deus, até religioso, na medida em que você acredita que o único fundamento disto é uma opção tua, que você não tem direito de impor esta definição do judaísmo como sendo universal, como a única opção possível.

Pergunta: Eu estou aqui me perguntando se esta crise do judaísmo humanista não é por conta que nos primórdios os judeus ensinaram humanismo que depois foi absorvido pela humanidade toda e hoje os valores não são mais judaicos, mas sim universais. Acrescido ao fato de quando você tem uma utopia numa crença, em um Estado, é muito bonito, pois você consegue pensar em um Estado de justiça social, um Estado de fraternidade, mas quando esse Estado existe no concreto, estas utopias, para sobreviverem, acabam rompendo com tudo isto. Então estou perguntando, o judaísmo humanista ainda tem valores judeus humanistas? Isto porque para mim eles são universais.

Resposta: Veja bem, eu participei de um debate com filósofos israelenses e a maioria tinha a tua posição. Eu acho que está errado, acredito que há ainda raízes na biografia e na história de um grupo que dá a estes valores universais um sabor particular, inclusive porque a gente aprende o humanismo universal por caminhos particulares. Cada humanismo tem um sabor próprio, que o universal sempre tem uma forma de ser particular. O que você pode dizer é que uma parte da humanidade absorveu muitos destes valores que estavam originalmente ligados ao judaísmo, e o judaísmo absorveu muito mais ainda valores de outras tradições. Por que nós éramos ateus? Porque não queríamos ser separados do resto da humanidade por Deuses. Havia em nosso ateísmo um profundo elemento humanista, e na medida em que o Deus os separava, a gente falava: deixa isto de lado, pois somos parte da mesma humanidade. Aqui a gente forçou a barra e não entendeu outros componentes da religião que extrapolam as dimensões teológicas. Existe um fundamento humanista judeu? Eu acredito que sim, se você perguntar. Eu acho que há na experiência de ser judeu uma forma própria em ser humanista/judeu. Inclusive para alguém

ser humanista, ele começa com o próprio grupo. O humanismo que em uma época a gente afirmava era enganoso, pois dizia que tínhamos o mesmo sentimento em relação a toda a humanidade. . Mentira, pois se morre alguém da tua família não é a mesma coisa que se morresse algum vizinho, e se morre um vizinho não é a mesma coisa que morrer alguém em Pernambuco, e se morre alguém em Pernambuco é totalmente diferente do que alguém no Afeganistão, e assim por diante. Um genocídio em teu povo não é a mesma coisa do que um genocídio de Tutsis ou dos Ivos em Biáfra. São diferentes e, parte de ser humano e ser humanista, é reconhecer que humanismo é construído a partir de círculos concêntricos, que você tem uma maior solidariedade com os teus, mas nem por isso rompe totalmente com os outros, que não passa por "nós/eles", mas também não uma 'igualação' homogênea que era manipuladora. Então eu acho que o humanismo diz que somos judeus humanistas e isto exige, em primeiro lugar, uma solidariedade com teu grupo ou grupos, porque você se identifica mais com este grupo. Chegar ao humano através da experiência judia não nos faz tão diferentes dos outros. Um judeu humanista reconhece que a condição de convivência no mundo reconhecer a humanidade de todos nós, *goyim* e s *yiden*

Pergunta: Até porque o que nos faz nós, no século XXI, assim como você mesmo falou, não é o que nos fez no século XX e os nossos valores, quer dizer, eu acho que os valores humanistas dos judeus hoje são valores universais. Eu não sei quais são os valores dos judeus humanistas que são diferentes dos valores muçulmanos humanistas.

Resposta: Pode-se dizer primeiro que o judeu humanista tem maior solidariedade com os outros judeus, enquanto um judeu e o muçulmano humanista terá uma sensibilidade maior em relação aos muçulmanos.

Pergunta: Mas então onde estão os valores diferentes dos judeus?

Resposta: O primeiro valor é o de solidariedade de grupo, onde da solidariedade se constrói no próprio grupo.

Pergunta: Muito bem, mas este grupo está se desagregando porque não sabem mais quais são os valores que ele tem, que os fazem diferentes dos outros.

Resposta: Esta desagregando porque está passando por um momento histórico de transição que a gente não sabe para onde vai. Eu acho que passa pela conscientização do problema. Nós judeus humanistas fechamos os olhos ao problema, fizemos de conta que não

havia problema, ficamos afastados ou próximos a instituições judaicas de forma meio esquisita. É importante começar por colocar as coisas claras, comunicarmos claramente a nós mesmos, aos nossos amigos, aos nossos filhos, falar das duvidas e transmitir um desafio. Eu não tenho propostas, não sou ideólogo e nem rabino.

Pergunta: Eu acho que quando se falou em pluralismo já está implícito que existem diferenças, tanto que é preciso o plural, o que não nega o singular. Existe o plural porque tem o singular e é exatamente então que cada grupo vai ter a sua singularidade sem se impor ao outro. Não permitir também que o outro se imponha, porque não tem sentido, e pronto, é pluralismo. Procurar o que vai ser, ou é especulação, como você disse, ou é o presente da gente que é feito do passado e de perspectivas que fomos construindo individualmente. O que é que possa ser, ninguém pode garantir. Nisso ela tem razão: o ser humano não tem garantia nenhuma, a única certeza que temos é a incerteza das coisas.

Resposta: É insuportável.

Resposta: Exatamente.

Pergunta: Deixa-me meter a colher neste tema sobre o humanismo judaico, porque este tema mexe um pouco com o nosso passado também. Ele não é só um tema de pensamento, mas um tema da nossa vida e das emoções que passamos, e por isso é difícil. Eu estava pensando no seguinte: quando você levantou a idéia do pluralismo judaico, também não é por acaso que há a persistência e a constância do humanismo judaico na história. Por que em todas as revoluções o número de lideres judeus foi tão grande? É que o passado judaico de sofrimento, de dor, e a história judaica estão impregnados no humanismo. Pegue Hilel, ele era humanista. O Hassidismo, o grande movimento hassídico era um movimento humanista profundo. No século passado, o sionismo era um movimento humanista. Então, a história judaica é impregnada pela sua própria formação histórica de um fundamento que deu margem que a participação judaica no humanismo universal, fosse tão marcante na literatura, nas artes, na política, na luta pelo poder, em tudo. Esse talvez seja um veio, porque é uma herança que nós temos no sangue, um veio possivelmente de ser explorado como formação e busca de uma nova identidade. É que nós temos uma bagagem, uma herança em nosso inconsciente coletivo e isso nos da certo lastro de possibilidade de olhar para um futuro baseado na bagagem que se tem.

Resposta: Estamos vivendo em tempos difíceis. Você e eu nos alimentamos do passado, o que é bom, mas que há um problema de links, de pontes com o passado, que foram fragilizados.. A gente pode viver nosso passado, mas como transmitir isso? O que é que nós tínhamos há quarenta anos atrás? Tínhamos os *kibutzim*, quer eram nossa maior glória. Olha o *kibutz*, a síntese do valor do judaísmo humanista, do melhor judaísmo e do melhor do socialismo e do humanismo geral. O movimento *kibbutziano* praticamente desapareceu. Temos muito passado e pouco presente..